

O SORRISO

27 DE FEVEREIRO
DE 1887

JARDIM POETICO

Adelia Palacios

(Estrella do Sul)

Rival de Madame Josephine
Loande

Torna-te eminente e viverás

Joubert.

Nos mundos que vemos gyrando uniformes
Ha-os opacos e plenos de luz:
Aquelles são corpos que pedem calores
A estes que celem scintilhas a flux

Que astro mais puro, d'aspeito mais bello
Surgiu nos espacos, e' roado d'azul?
Foi o astro luzente que Deus insufflou
Essencias divinas: — «A Estrella do Sul»

A «Estrella do Sul» tem o riso das flores
Abrindo as corollas em doce magia;
Sua fronte é emblema de graça perfeita
E' o todo dos anjos: é a luz d'harmonia!

A «Estrella do Sul» é o genio que brilha
Na vasta amplitude a face dos céos:
Prototypo d'Arte, conjuncto de glorias
Que ledo se guarda no seio de Deus!

A'

Ser amado por ti! oh! que ventura!
Que sonho cor de rosa fora a vida

Para mim que do mundo n'ardua lida
Hei tido só espinhos, só torturas!

Para mim — bardo misero que chora,
Sob o peso fatal do negro fado,
Que pede só um riso perfumado,
E um olhar terno tão somente imploras.

Sim! seria feliz com teu amor!
Não queiras, pois, q'eu viva, ó minha flor,
Qual tãtalo, com sede, juncto às agoas;

Vem! da-me teu amor, q' amargos prantos
Não mais eu venderei, mas tãt cantos,
E do passado esqueceréi as magoas!

Lucena, 10 de Janeiro de 1887.

Antonio Elias Pessoa.

TIRA-DENTES

Eil-o que surge, o impavido gigante!
Scintillante o olhar o sobranceiro,
Rosada a face, o porte prezenteiro
Seguro o passo, o peito palpitante.

Porem que turbu é esse delicante,
Que acompanha esse insigno M'arceiro?
Onde vai esse herde m'abre, attaneiro?
Meu Deus!... Vai ao patibulo humilhante!

Qual o crime horroroso que o condemna?
Amou a independencia e a liberdade,
Porisso soffre tão eruenta pena!

Desditoso Brazil! a iniquidade
Dos tyrannos man-lões, bem como a hyena,

Dilacerar-te o peito sempre hado!

Lucena, 2 de Fevereiro de 1887.

Antonio Elias Pessoa.

A' Luiza Palacios

(ESTRELLA DO NORTE)

Par occasio de sua partida
d'esta capital.

Vaes partir, mas fier de ta'alma
a essencia balsamica das flores,
e no azul d'este céu que illu a nãsto
crispustulo de san tãdo e de falgores.

Leu do genio, la arte no Calvario
teu destino é subir, sempre subir;
mas as azas subis do bo balata,
tu lina é poisar, voar, seguir.

Apathosos, palmas, flores, tãro,
acompanha teu giro fulgurante,
porque na m'nsão d'arte a qu' subiste
és a estrella ma s bella e scintillante.

A beutica flor da nossa sympathia
soubeste disputar e conseguir,
segue, pois estrella o teu destino,
vae n'outro céu poisar, brilhar, fulgir.

Parahyba, 22 de Fevereiro de 1887.

FOLHETIM d'O Sorriso

O JOVEM DESDITOSO

POR

Augusta Guatã

PRIMEIRA PARTE

IV.

Em nobre empreza, a
mesma queda é nobre.
(Longino).

Nos olhos negros de Antonieta
existia esse languido abaixamento
dos cillios, denotação do pudor da
virgem.

O seu seio arqueava-se docemen-
te e na elevação da cambrãia do d-
cote descobria-se alguma coisa de
ignoto.

Os cabellos eram brilhantes como
o velludo e perfumados como uma
rosa aberta, banhada pelo orvalho
da aurora.

Os labios, tinha ella finos e del-
gados, convidando, por sua verme-
lhidão, a ousadia do pedido de um
beijo.

Antonieta tinha o corpo franzino,
sem ser esguio.

Se alguém fosse tão impio que
quizesse pôr-lhe a descoberto o cor-
po rigido e marmoreo, havia de pas-
sar diante da correção artistica d'a-
quella maravilha.

Mess Lothery, o velho marichei-
ra dos Homens do mar, tinha uma
predileção pelas mãos bem feitas
e provavelmente Victor Hugó es-
queceu-se de dizer que o pai de
D. ruchette gostava tambem dos pe-
quenos.

A mão da virgem é um dos seus
atractivos, o pé uma de suas fasci-
nações.

Que para praser e dogura o de a-
quacer entre as suas a mãos-inha fria
da amante, em noite de luar, quan-
do o vento sopra regelato, de gen-
tir-lhe a macieza da pelo assatina-
da, e experimentar o goso inexplic-
avel de beijal-a sofredamente.

Antonieta tinha mãos e pés mag-
nificos.

A mão era o prototypo da pare-
za aristoc ata, pequena, sem covas,
com os dedos afilados e as unhas
oor de rosa. O pé arqueado e ner-
voso.

Ella era tallhada para amar leuca-
mente.

Apezar da sua aivura, descobria-
se em seu ser os gerntens de um
sentimentalismo forte e rigoroso.

A mulher em geral é fria. Anto-
nieta devia ser ardente.

Na leve crispção dos labios, que
estremecção, poder-se-hia pres-mir
esse caracteristico do seu soberbo
organismo.

No ondular do seio offegante, no
humedecido do olhar, no relampago
da pupilla, esses signaes ainda tra-
hãõ a sua natureza.

Ella sentia em si essa sede do
conhecido, sem desconfiar até onde
esse sentimento a livraria. A sua
transfiguração operava-se vigorosa-
mente e quanto mais augmentava,
mais ella crescia em graças e en-
cantos.

Antonieta tinha a fronte engra-
dada por quinze primaveras; ra-
diantes de amor, de vida e dos mais
brilhantes sonhos; ideal celeste,
cuja concepção não attingiria Ra-
phael e Ticiano ainda nos mais al-
tanados vdos de suas imaginações.

Walfredo com o seu espirito pers-
crutador estudava o meo mais at-
tractivo para demonstrar a sua deu-
sa Antonieta o amor que lha con-
sagrava.

Mas, como poderei eu dar um
meigo signal de amor, se é um phe-
nomeno vel-a a janella de seu sump-
tuoso edificio?

Eis que apparece seu intimo ami-
go Nestor e bate-lhe no hombro e

diz-lhe em que pensas Walfredo.

— Ah! sim!...

— Em que penso? E quem deu-
sa que reu'lara o meu coração?

— O teu coração? É possível?
redarguiu Nestor.

— Biquies não é assim, Walfredo?

— Não. Ha' lras que não pôso
comellar o sono, estudando tão
do leuto o ardo de ir a casa do Sr...

— Hesitas em confessar-me o no-
me do teu futuro sogro? Incompreo
Nestor.

— Não, chamo-me Galãdo Tis-
sandler, respectivo Walfredo.

— E não me é possível, continuava
Walfredo, offetuar a m'ha vida,
visto como ainda não encontrei um
amigo que m'o apresentasse.

— Um amigo? disse Nestor.

— Sim, retesquo Walfredo.

— O que dize-me Nestor?

— Dávidas da palavra do teu ami-
go?

— Não, perdoa...

— Então peço-te para irmos hoje
a noite a casa do Sr. Godofredo
Tissandler?

— Pois, não, disse Nestor.

(Continua)